OS ADOLESCENTES E USO DE *SMARTPHONES*: A LINHA TÊNUE QUE SEPARA O "USO" DO "ABUSO"

Cássia Rejane Balvedi Zancan[1]
Cineiva Campoli Paulino Tono[2]

Resumo: O objetivo do artigo é descrever se os hábitos de uso indiscriminado e/ou excessivo dos *Smartphones*, por adolescentes de colégios públicos estaduais podem impactar o seu cotidiano, seja no âmbito escolar, familiar ou social. Analisou-se as mudanças comportamentais, a partir da influência dessa tecnologia, observando-se os aspectos positivos e negativos da questão. A metodologia adotada é descritiva, bibliográfica, com enfoque qualitativo e quantitativo, cuja coleta de dados se deu em 4 colégios estaduais de Francisco Beltrão/PR, com 336 adolescentes e 17 professores. Evidencia-se a preocupação e necessidade de conscientização da sociedade quanto aos impactos biopsicossociais de uso dessa tecnologia. Aponta-se a necessidade de mudanças na prática pedagógica, nos métodos de ensino e muito mais na gestão escolar dos recursos disponíveis, sobretudo os tecnológicos.

Palavras-chave: smartphones; adolescentes; uso excessivo; prejuízos e vantagens

TEENAGERS AND USE OF SMARTPHONES: THE FINE LINE SEPARATING THE "USE" OF "ABUSE"

Abstract: The objective of this article is to describe if the habits of excessive and/or indiscriminate use of Smartphones, for teenagers from public State colleges can impact the everyday, whether within your school, family or social. We analyzed the behavioral changes, from the influence of this technology, observing the positive and negative aspects of the matter. The adopted methodology is descriptive, bibliographical, with qualitative and quantitative approach, whose data collection in 4 State colleges Francisco Beltrão-PR, with 336 teenagers and 17 teachers. Shows the concern and need for awareness of the society about the biopsychosocial impact using this technology. Points to the need for changes in pedagogical practice in teaching methods and more on school management of available resources, especially the technology.

Keywords: smartphones; adolescents; excessive use; losses and benefits

[1] Mestranda em Educação pela Universidad de La Empresa – UDE. Especialização em Metodologia do Ensino da Educação de Jovens e Adultos Pela Faculdade Educacional Da Lapa, Brasil(2011). Professor titular do Secretaria Estadual de Educação do Paraná, Brasil.

[2] Doutora em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR (2015), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2003), Especialista em Informática na Educação - CEFET-PR (1997), em Farmacologia - UFPR (1998) e em Formulação e Gestão de Políticas Públicas - UFPR (2009), Bacharel e Licenciada em Química - UFPR (1990). Atuou na Secretaria de Estado da Educação-SEED do Paraná de 1992 a 2010, assumindo no percurso profissional várias atribuições, dentre elas, a coordenação dos 32 Núcleos de Tecnologia Educacional do Estado e a supervisão do processo de avaliação do Programa Paraná Digital junto ao Programa das Nações Unidas - PNUD. De 2011 a 2014 atuou como pesquisadora no Sistema Penal do Paraná e docente na Escola de Educação em Direitos Humanos da Secretaria de Estado da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Paraná.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1980, um grande número de adolescentes em seu dia a dia tem apresentado novas condutas de interação com mídias digitais diversas. Essa geração pode ser identificada pelo modo como usam e se comportam com seus *smartphones*, *tablets* ou *ipads*. Para eles, o celular deixou de ser apenas um aparelho para dar e receber chamadas, mas sim um instrumento que favorece ouvir músicas, tirar fotos, assistir TV e séries da Netflix, como conectar à Internet para acessar as redes sociais e se comunicar com os amigos.

Esses jovens de várias idades, etnias e classes sociais se movem pelas ruas, portando fones de ouvido, em direção às escolas ou as suas casas. As mensagens de textos e arquivos são constantemente baixadas, ao mesmo tempo em que gravam mensagens de voz.

Pais e educadores têm encontrado dificuldades para lidar com isso e muitas vezes se surpreendem quanto à facilidade com que seus filhos usam a tecnologia, ou mesmo quanto às características desses jovens, especialmente pela forma de obter informações de forma rápida, interagindo com várias mídias, ao mesmo tempo, em sua convivência diária, seja por meio dos jogos eletrônicos, áudio e vídeo, e a conexão ininterrupta à rede de relacionamentos.

A facilidade de acesso, com a falta de controle quanto ao conteúdo e tempo de uso, em detrimento de outras atividades, tem levado alguns estudiosos do assunto a alertar pais e educadores sobre o fato de que muitas crianças e adolescentes, já apresentam variados sintomas de vício em eletrônicos, como, por exemplo, a queda no rendimento escolar, ficar mais de 12 horas diárias ininterruptas conectados a mídia, insônia e o nervosismo sem causa aparente.

A problemática a ser abordada, nesta pesquisa, é a necessidade de dimensionar criticamente os impactos do celular, em adolescentes, principalmente nos seus processos de ensino e de aprendizagem. Assim, cabe considerar que o papel da família, escola e do Estado, quanto à proteção e orientação destes adolescentes, é desafiador, tendo em vista o uso acirrado de *smartphones*, bem como o conteúdo e o tempo despendido para esse uso, podendo implicar-lhes em problemas psicológicos, sociais, de baixo rendimento escolar, entre outros. Nesta perspectiva, a pesquisa aponta para o seguinte problema central: Até que ponto os hábitos dos adolescentes

quanto ao uso de smartphones, podem lhes causar prejuízos de âmbito escolar, familiar ou social?

Diante do exposto, o objetivo geral deste trabalho é descrever se os hábitos de uso indiscriminado e/ou excessivo de aparelhos de smartphones, por adolescentes de colégios públicos estaduais podem impactar o seu cotidiano, seja no âmbito escolar, familiar ou social.

A investigação e a análise dos hábitos dos adolescentes, quanto ao uso de seus *smartphones,* encontram justificativa social urgente na atualidade. Na perspectiva de um fenômeno mundial, porque as implicações humanas de uso das tecnologias digitais são generalizadas e são vários acontecimentos ao redor do mundo que apontam a interferência negativa destas tecnologias para a infância e adolescência.

1 USO DO CELULAR: POSSIBILIDADES E PREOCUPAÇÕES

Atualmente, o telefone celular, como uma tecnologia de informação e comunicação, é um dos equipamentos tecnológicos mais comuns e acessíveis entre as pessoas, sendo tarefa complexa ver algum adolescente que não tenha um telefone celular.

Pode-se notar que os telefones móveis de hoje são muito leves, funcionam quase que em qualquer lugar e há muito tempo não mais têm a função de chamadas em áudio, como telefone. Na verdade, para Antônio (2010, p. 3) “são centrais multimídias computadorizadas onde se pode telefonar, ouvir rádio, mp3, assistir TV, tirar fotos, fazer filmes, gravar voz, jogar, mandar e receber e- mails ou arquivos, acessar a Internet, dentre outras muitas funções”. O fato é que, seja em casa, na escola, no trabalho, ou em outros ambientes e ocasiões, tem sempre um celular tocando, bem como aparelho de som, como máquina fotográfica.

O celular é uma importante invenção humana, porém há que se terem alguns cuidados importantes, para que este uso não interfira negativamente na vida dos indivíduos. Desde que esta tecnologia invadiu nosso cotidiano, perdeu-se a noção de tempo, individualidade, privacidade, bom senso e educação. Falar com alguém a qualquer momento, acessar a internet, e navegar pelo mundo sem sair do lugar, extrapolando barreiras, como tempo e espaço, são muitas das possibilidades, porém

devem-se ter limites para essa tal liberdade.

Para Mendonça e Guiraud (2011), o uso dos celulares não apresenta apenas vantagens e facilidades, pois, excesso pode suscitar transtornos e obstáculos pessoais e sociais.

Conforme dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), na 11ª edição da pesquisa TIC Domicílios 2015, que mede a posse, o uso, o acesso e os hábitos da população brasileira em relação às tecnologias de informação e de comunicação, onde foram realizadas entrevistas individuais, em 23.465 domicílios, em todo o território brasileiro, entre novembro de 2015 e junho de 2016, ficou constatado que o telefone celular é o dispositivo mais utilizado para o acesso individual da internet por 89% dos usuários pesquisados; 56% da população brasileira usaram a internet no telefone celular nos três meses antes da pesquisa.

Inúmeros estudos e dados estatísticos apontados por pesquisas no Brasil e no exterior, mostram que a sociedade moderna disfruta atualmente do tempo da conexão, mobilidade e ubiquidade, na comunicação humana, desencadeando novas formas de intercâmbio e coparticipação em redes e ambientes on-line. Neste encadeamento, há uma dispersão crescente e rápida, causada pelo uso destes aparelhos, que se pode preferir chamar de celulares, ou até de *smartphones*, mas o fato é que, de maneira inevitável esse uso começa a acontecer com mais assiduidade, não deixando de afetar, seja positiva e/ou negativamente, as relações diretas e indiretas, de interação do ser humano com o meio em que vive.

2 O USO DE CELULARES NA ESCOLA

O ser humano, desde a mais tenra idade, tem voltado o seu interesse pelo celular. Uma pesquisa feita em Flandres, na Bélgica, com 1.656 estudantes de 13 a 17 anos, revelou que o uso do celular à noite é prática recorrente entre os adolescentes, e isso está diretamente relacionado ao aumento do nível de cansaço desses jovens após algum tempo (SOUZA, 2016), fato que representa uma grande inquietação para os pais.

Apesar das possibilidades que o celular tem de ser uma ferramenta pedagógica que auxilia no aprendizado dos estudantes, inclusive pela praticidade que oferece, deve-se sempre levar em consideração que este aparelho não tenha somente

impactos positivos na educação. Portanto, é imprescindível que se iniciem ações de estudo e esclarecimento quanto aos malefícios e benefícios do uso dessa tecnologia.

Para a psicóloga social Dolors Reig, em 2013, quando questionada sobre o uso dos celulares na escola aponta que os celulares (‘smartphones’) se tornaram um instrumento fundamental dos nossos tempos. Erradicá-los da sala de aula torna-se artificial e contraproducente na medida em que perdemos a oportunidade de orientar o seu uso com fins educativos ou até mesmo de autocontrole da própria conectividade. As tendências tecnológicas avançam rumo a ‘smartphones’ com telas cada vez maiores, pelo que podem mesmo se tornar ferramentas para tirar apontamentos, consultar temas, etc. [...] pelo que faria algum sentido eliminá-los no caso das crianças e para a realização de atividades concretas.

Nessas polêmicas estão de um lado, aqueles que são contra a proibição do uso, alegando o fato de que o problema não é tão sério assim, para se chegar ao ponto de proibição total. Uma vez que existe o uso educativo destes aparelhos em sala de aula, auxiliando tanto no aprendizado, quanto na facilitação da didática do educador em sala de aula. E do outro lado, estão aqueles que defendem tais proibições, uma vez que, em análise ao contexto educacional, acreditam existir muito mais pontos negativos relacionados a este uso, quanto os positivos.

Um olho nas mensagens do celular e outro nas explicações dos professores. Ainda que as escolas tentem evitar, essa é uma cena rotineira em sala de aula. Para especialistas, essa é outra questão referente ao malefício gerado pelo uso do celular nas escolas, pois o hábito de manter diferentes focos de atenção pode gerar estresse ou até mesmo indicar um Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Conforme Maria Teresa Andion, psicopedagoga clínica e mestre em psicologia do desenvolvimento esclarece que a atenção é uma capacidade cerebral muito semelhante à concentração. No consultório, ela atende jovens que recebem queixas da escola por utilizarem o celular durante as aulas. Ao utilizá-los durante as explicações dos professores, os adolescentes aumentam o seu nível de estresse, pois estimulam diferentes zonas do cérebro simultaneamente, e começam a ficar dispersos. O resultado é que o rendimento cai.

Pesquisador do Instituto do Cérebro da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e chefe do serviço de neurologia do Hospital São Lucas, André Palmini (2016) é mais um a se opor à crença de que os adolescentes e jovens

são mesmo multitarefas. "Sempre que o cérebro divide a atenção em mais de um estímulo, a capacidade de 'dedicar-se' àquilo que é prioritário diminui. Esta visão de que os estudantes de hoje conseguem ler e enviar mensagens no celular enquanto estudam ou assistem a uma aula é incorreta. Existe uma perda inevitável de qualidade atencional quando isso acontece", afirma.

Segundo Asbahr (2005), doutora em psicologia escolar pela Universidade Estadual Paulista (Unesp-Bauru), a escola não deve deixar de empregar as tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem, e conhecer a forma como elas estão sendo usadas, dentro e fora da escola. Ela ressalta ainda que as crianças precisam aprender a usar essas tecnologias e as escolas necessitam falar desse assunto.

Portanto, os smartphones, com todos os seus atrativos, criaram legiões de usuários, dentre eles crianças e adolescentes, que não conseguem se desligar dos aparelhos enquanto se alimentam, estudam ou deitam para o necessário descanso.

3 PREJUÍZOS CAUSADOS PELO USO INADEQUADO DE CELULARES

Inicialmente, a principal área de atenção quanto ao uso inadequado de celulares, foi sua associação ao surgimento de tumores cerebrais e outras doenças secundárias causadas pela exposição à radiação de radiofrequência. A farmacêutica-bioquímica formada pela UFRGS, e especialista em Toxicologia Aplicada pela PUC-RS, Ana Maria Daitx Valls Atz, que em uma palestra realizada em 2/6/2014 no Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), afirmou que "as radiações do celular entram em conflito com as próprias radiações que o corpo emite e isso coloca em risco a saúde. Estudos e pesquisas médicas realizadas nas últimas décadas comprovam que as ondas dos aparelhos celulares ocasionam efeitos biológicos". Ela ressalta que além do cérebro humano absorver essas ondas, o organismo todo é prejudicado.

Conforme a utilização do celular foi se tornando um produto de massa, surgiram outros estudos sobre seus malefícios. O seu uso abusivo é apontado como causador de alteração do sono, da alimentação e, consequentemente, prejudicial à área produtiva e de aprendizagem.

Abreu *et al*., (2013, p.106) afirmam que "dependência de celular ou *smartphone* é conhecida como nomofobia, termo derivado da expressão inglesa no

mobile phobia. Tal dependência fez surgir uma nova palavra em psicologia: adição psicológica e comportamental, uma espécie de vício, causada, principalmente, pela necessidade de viver em função do celular".

O principal sintoma desta dependência é a ansiedade excessiva da pessoa quando está distante do aparelho ou com impossibilidade de utilização. Atualmente, o aparelho celular, ou *smartphone,* possui inúmeras funções e aplicativos diversos, assemelhando-se mais a um portal pessoal do que um aparelho que foi originalmente criado para fazer ligações telefônicas.

Wagner *et al*., (2009) reforçam que esses em casos extremos de uso patológicos do aparelho, o comportamento fica associado à compulsividade e à dependência de tal tecnologia. No entanto, na maioria das situações, a utilização do celular por jovens é maior se comparada a dos adultos, em função das diferentes finalidades de uso por eles agregadas estarem relacionadas com aspectos do desenvolvimento normal da adolescência.

As interferências tecnológicas na conduta dos adolescentes precisam acompanhamento constante, a fim de que seja possível avaliar passo a passo as modificações e as consequências resultantes. Pode-se observar conveniência, conforto, segurança e bem-estar ao se dispor desses aparelhos, em contraste com dependência patológica, medo e angústia, entre outros sentimentos, causados pela impossibilidade de uso de tais dispositivos (Nardi *et al.*, 2013).

Fernández-Guerrero (2014) alertam que não se pode responsabilizar a tecnologia e o celular pela dependência. São inegáveis os benefícios da telefonia associada à internet. A questão que merece atenção é que a tecnologia deixou de ser um instrumento de comunicação apenas, cedendo lugar às mídias nele contidas. Sobretudo, Oliveira *et al.* (2014) alertam que usuários excessivos ficam imersos aos conteúdos em seus celulares, desligados de tudo o mais que está ocorrendo ao seu redor, além de possuírem dificuldade em controlar o tempo gasto com eles.

De acordo com Bauman (2004), na chamada sociedade líquido-moderna, é possível o indivíduo, ao se conectar em seu aparelho celular, se desligar totalmente da vida, sendo capaz de se movimentar em um local cheio de pessoas, no entanto, não enxergar ninguém.

4 DICAS SAUDÁVEIS DE PROTEÇÃO E PREVENÇÃO

Vale lembrar, que esta geração, nascidos e criados com uma gama de aparatos tecnológicos a sua disposição, tem na figura de seus responsáveis legais, seja por motivo de sobrevivência ou de proteção quanto a este mundo real tão violento e inseguro, o impulso que os conduziu a levarem uma vida mais virtual, imersos boa parte do seu tempo diário aos conteúdos disponibilizados pelas mídias digitais, que por sua vez, além de entretenimento e informações, os possibilitaram criar relacionamentos. Há casos inclusive, em que estes conteúdos, passaram a se tornar um refúgio da realidade, pois, no espaço virtual, todos os adolescentes podem disfarçar melhor a ansiedade, a confusão, os medos e a alegria da passagem à vida adulta (ESTEFENON, EISENSTEIN, 2009).

No entanto, toda esta disponibilidade e acesso fácil às mídias, exigem alguns cuidados necessários por parte dos responsáveis legais, não apenas pelo perigo dos seus se tornarem vítimas no meio virtual, mas também de serem eles, os infratores.

Pelo exposto, fica evidente que o caminho para resolver este problema, não é o de só apontar culpados, e nem tão pouco o de proibir o uso das mídias digitais, por adolescentes e crianças. Mas sim, de um melhor acompanhamento de pais e professores, interagindo e se conectando com eles, usando a linguagem virtual, com a missão de mostrar princípios, regras, limites, e que é possível o uso saudável e seguro da tecnologia, sem perder o entretenimento.

Para Drucker (1993, p. 14) “o autêntico desafio que nos espera não é, pois, a tecnologia em si, mas para que a utilizaremos”. O adolescente precisa ter orientação quanto ao uso ético e correto das mídias, também alguns limites pré-estabelecidos, e conforme o mesmo for conquistando a devida confiança e responsabilidade, poderá ser-lhe concedida maior autonomia de uso. A utilização correta e ética das tecnologias pode auxiliar na formação de pessoas autônomas, críticas, participativas de seu próprio desenvolvimento, com possibilidades e capacidades, trazendo como consequência, meios de aprendizagens construtivos e flexíveis através de uma grande variedade de instrumentos e recursos da informática.

A era digital não tem mais volta, e para que as crianças e adolescentes possam aproveitar ao máximo os resultados positivos proporcionados pela tecnologia, tais como o aumento da atenção e coordenação motora, memória, criatividade,

informação, educação, comunicação e inclusão social, dentre outros (ESTEFENON; EISENSTEIN, 2009).

O fato dessa geração digital apresentar competências suficientes para transitar pelo mundo digital, não quer dizer que eles conheçam tudo sobre o assunto, e nem tão pouco, que dominam com segurança este espaço. Criar condições e possibilidades de diálogos entre as diferentes gerações, sejam entre educadores e alunos, e/ou entre pais e filhos, é um dos grandes desafios da educação na atualidade, por meio de entrosamento e ajuda mútua entre pais e escola. Fato é que já vivemos em rede, onde estamos todos conectados, mesmo que de maneiras e proporções diferenciadas. Para que este processo seja saudável é fundamental que a sociedade, una esforços, tendo práticas diárias de cidadania, que deixem o individualismo de lado e assumam o seu papel legal, juntamente com um pensamento comunitário de respeito ao outro. Portanto, mãos à obra, essa responsabilidade é de todos nós!

Sendo a adolescência uma fase de ganhos e prejuízos importantes, importa considerar que o adolescente esteja inserido em um ambiente, tanto familiar quanto escolar, que seja harmônico, para evitar distúrbios sociais que podem levar a vários tipos de vícios. Assim sendo, esta é uma condição que conduz a uma reflexão crítica, pois os adolescentes estão comumente expostos aos riscos existentes, como desatenção, falta de concentração e até mesmo dependência da internet e de jogos eletrônicos.

Gonçalves e Nuernberg (2012) reconhecem que o mundo virtual na adolescência têm benefícios na rede social, como: aumento da quantidade de informações para uso no meio escolar e em entre amigos; possibilita o contato indireto com pessoas que possuem assuntos de seu interesse; mais probabilidade de interrelação entre os amigos; com somente um clique ou contato pode-se ‘sair do universo’; há um importante desenvolvimento dos meios de comunicação, e em um pequeno espaço de tempo se desenvolveram instrumentos para bate-papos virtuais adiantados, ademais blogs que auxiliaram muito a inter-relação das pessoas no ciberespaço. Além disso, a autora também relata os malefícios que se acham na internet, como: pornografias, assuntos violentos, a facilidade de encontrar indivíduos mal-intencionados.

No contexto escolar, o processo de aprendizagem do educando, deve ser acompanhado e avaliado pelo educador, e somente com a avaliação positiva é que o

mesmo poderá prosseguir em seus estudos. O termo avaliação é relacionado à ideia de dimensionamento, ou aplicação de um determinado valor, que permita mensurar o nível das aprendizagens, transformações e evoluções do comportamento humano, fortalecendo assim, o aspecto quantitativo (SOBRINHO, 2002).

Para Freire (1981, p. 32), “um educador que restringe os educandos a um plano pessoal impede-os de criar”. Muitos entendem que o aluno deve reproduzir fielmente o que o professor expõe na classe. Isso consiste em tomar o sujeito como uma simples ferramenta. Assim, o desenvolvimento de uma consciência crítica que possibilite ao homem mudar a realidade torna-se cada vez mais iminente.

Zelcer (2006) que é uma autora psicanalista que analisa a excessiva exposição de adolescentes ao mundo virtual, observa que no ambiente escolar tem sido difícil para os adolescentes a concentração com tantas distrações oferecidas no ciberespaço. Argumenta que a doutrinação de adolescentes para o consumo serve-se dos estímulos sensoriais cada vez mais rápidos e diversificados, de modo que não se tenha tempo para organizá-los, tampouco formar uma representação do que foi percebido. O apelo ideológico explora percepções visuais e auditivas de maneira primitiva para que as pulsões tenham vazão rápida em direção ao mercado, e assim não se tenha tempo de ponderar, analisar e pensar.

Atualmente é comum encontrar na escola, crianças e adolescentes que apresentam, em suas avaliações de desempenho escolar, déficit de atenção, de percepção, de concentração e de outros fatores que se relacionam à aprendizagem. Cada vez mais, acham-se sem motivação para ‘ler’ e ‘escrever’, e sem preparo para estudar e apurar profundamente os fenômenos científicos mais complicados. De forma prioritária, buscam fazer uso dos recursos tecnológicos para tarefas lúdicas, e este atributo de atividade pode estar ligada ao processo de ensino e de aprendizagem, se estes recursos passem a ser utilizados com equilíbrio e sabedoria.

Os desafios da sociedade da informação são diversos e abarcam desde os de natureza técnica e econômica, cultural, social e legal, assim como o lado sombrio da utilização de internet, dos jogos eletrônicos on-line e celulares. Cabe também ressaltar que as questões decorrentes do acesso e uso das TIC por crianças e adolescentes devem ser tratadas como prioridade pelas políticas públicas, debates no ambiente escolar e também com as famílias envolvidas.

Isso é corroborado por Liberati (1991, p. 21), quando enfatiza que crianças e

adolescentes “deverão estar em primeiro lugar na escala da preocupação dos governantes; devemos entender que, primeiro, devem ser atendidas todas as necessidades das crianças e adolescentes [...]”.

Freire (2000) destaca a necessidade de uma vigilância ética sobre a tecnologia, tanto no referente à visão, quanto a sua produção e uso, com vistas a quem, e para quê, ela está sendo destinada, principalmente porque este recurso integra hoje, na era digital, o universo infantil e juvenil.

Mais do que uma obrigação legal compete aos pais e à família atenção aos comportamentos dos adolescentes com relação ao conteúdo e tempo dispendido ao uso dos jogos eletrônicos, celulares e mídias digitais de um modo geral. Ou seja, se é dever dos pais educar os filhos, esse princípio se estende, e não deve ser negligenciado, nas relações virtuais.

Segundo estudiosos no assunto, são adolescentes que apresentam facilmente sinais de impaciência, basta, por exemplo, o sinal da internet estar lento ou inexistente, pessoas demorarem para falar o que desejam, ou quando os mesmos têm que escrever ou produzir algo, eles desejam tudo com muita rapidez, numa velocidade frenética, e regida pela velocidade com que as transformações e informações digitais acontecem.

O constante acompanhamento e diálogo com a escola em que o filho frequenta é de grande importância para os pais, pois assim, a chance de se detectar problemas, ainda em estágio inicial, é muito maior. E não só no aspecto criminal, mas também no patológico, pois existe evidência científica de que o uso irrefreável da internet pode se configurar em uma patologia mental e quanto a isso os pais devem ser urgentemente informados. Muitos dos pais não pecam por negligência, mas por desconhecimento sobre o assunto, e neste momento, a educação tem papel fundamental.

No âmbito educacional dos países em desenvolvimento, deliberações sobre investimentos para incorporar a informática e a telemática, suscitam desafios. Para Abreu (2013, p 139) **“o desafio crucial da escola deve ser o de usar as mídias digitais como fonte de agregação, fortalecendo as ligações sociais. É a inteligência coletiva em ação. Essa escola que prepara o cidadão, acompanhando o dinamismo da sociedade, com criticidade, ética, engajamento e autonomia”.** (Grifo nosso).

O descontrole e a sujeição de internet em celulares podem ocasionar

consequências nocivas à saúde. E, o uso excessivo pode levar à desnutrição, baixo resultado escolar, afeição prejudicada, comportamento antissocial, utilização de drogas, distúrbios mentais e comportamentais, perigos familiares, sociais e digitais. Há uma vontade imensa de estar ligado, plugado e conexo o tempo inteiro, sem dar atenção a cada tarefa, além de dificuldades de postura, auditivas e outros imbróglios ao desenvolvimento físico, mental e social (ABREU, 2013).

A linha que separa o uso do abuso é tênue**,** então, se existe riscos quanto ao uso excessivo e/ou indiscriminado das mídias digitais, cabe também à educação, formular estratégias que estreitem o diálogo com os pais e principalmente com os alunos, de forma que aconteçam os esclarecimentos necessários sobre o assunto e se apresentem fatores de proteção ao uso, principalmente quando o assunto é o uso por crianças e adolescentes.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A metodologia adotada é descritiva, bibliográfica, com enfoque qualitativo, complementada por dados quantitativos, cuja coleta de dados se deu em 4 colégios estaduais de Francisco Beltrão/PR, com 336 adolescentes e 17 professores. O critério da escolha dos colégios foi a média do IDEB.

Segundo pesquisa, nos Colégios X (IDEB abaixo da média do Paraná) preponderou o gênero masculino em 59%, e nos Colégios Y (IDEB acima da média do Paraná) com 52%. Em ambos os colégios prevaleceram a idade de 15 anos para a maioria dos adolescentes pesquisados, 52% e 56%, e em seguida 16 anos, 29% e 17%, respectivamente.

O maior índice de ‘serviços’ navegados pelos estudantes, foi com relação ao download de músicas, programas e filmes: 54% IDEB abaixo e 56% IDEB acima. O segundo índice mais apontado foram as visitas às páginas de web: 43% do IDEB abaixo e 63% IDEB acima. O terceiro índice mais apontado foi acesso às redes sociais (Facebook e outros) com média de 38% para o IDEB abaixo e 56% IDEB acima.

Conforme Palazzo (2015), o desenvolvimento tecnológico constitui uma importante ferramenta de “acesso a serviços, informações, relações interpessoais, lazer, entretenimento e aprendizagem”, sendo um setor que ainda está em construção. Por isso, constitui perigos e desafios, para os usuários, pois têm pouco conhecimento

sobre o funcionamento, anonimato de seus usuários e pela velocidade como são manipulados.

Já no caso dos adolescentes, com o avanço tecnológico proporcionado pelo *smartphone*, se torna mais difícil a visibilidade dos pais, em virtude de o mesmo ter se tornado praticamente um computador pessoal, com a extraordinária vantagem adicional de acompanhá-los em todo tempo e lugar. Neste caso, manter com o filho o diálogo e a orientação quantos os riscos do mundo virtual torna-se imprescindível.

Segundo Estefenon e Eisenstein (2008), **o uso da mídia digital, quando descontrolado, tanto em termos de tempo de acesso, quanto de conteúdo acessado na rede, podem prejudicar o desenvolvimento emocional, psicológico e mental**, inclusive ainda levando ao vício ou dependência das mídias. (Grifo nosso)

Quando questionados sobre a percepção própria de utilização do celular em todas as horas do dia e noite, mesmo quando isso significa interromper outras coisas importantes, do total de alunos pesquisados, frequentemente e muito frequentemente 34% e 49% respectivamente, declaram que têm esta prática.

Para Prioste (2013), o agravamento de problemas mentais, assim como o aumento das frustrações, angústias e decepções pode facilitar a dependência no mundo virtual. Muitos adolescentes confundem a vida real com a web. É no seio escolar e familiar que a criança e o adolescente devem ser orientados e estimulados a utilizar os recursos digitais para o crescimento pessoal e futuro profissional.

Dos alunos entrevistados, 18% e 20% dos Colégios X e Y, respectivamente, relatam que negligenciaram necessidades básicas como de higiene, comer ou dormir, para ficar on-line. Além disso, mencionam que, 38% e 48%, frequentemente e muito frequentemente, declaram “negligenciar” seus afazeres diários e do tempo de estudo para ficar no celular. Os adolescentes passam horas utilizando seus *smartphones*. Pais e educadores têm encontrado dificuldades para lidar com isso e muitas vezes se surpreendem quanto à facilidade com que seus filhos usam a tecnologia.

Abreu (2008) alerta que amiúde surgem queixas em consultórios psiquiátricos por pacientes com mais idade ou mesmo de pais inquietos com seus filhos que mencionam aumento do isolamento social e queda nos rendimentos escolares. Isto porque o uso intenso da internet pode levar a pessoa deixar de realizar atividades escolares, de brincar, contrariedade para interromper o uso, nível de autoestima pequeno e menor deleite à vida diária.

O índice verificado de adolescentes que dormem com o celular ao lado da cama é bem preocupante. Dentre eles, 69% e 83%, respectivamente, declararam dormir com o celular ao lado da cama. Estes dados são inquietantes porque comprometem a saúde dos adolescentes devido aos malefícios apontados por pesquisas científicas desenvolvidas em todo o mundo.

Entre os alunos respondentes, 58% e 59% dos alunos pesquisados, tanto do Colégio X, quanto do Y, declaram que frequentemente e muito frequentemente, durante as refeições estão sempre com o celular próximo deles e costumam checar a tela. Dentre esses alunos, 61% e 66%, respectivamente, declaram ouvir, ou perceber 'zumbidos' do celular e que possuem desejo intenso para verificar se há mensagens, atualizações, etc.,

Carr (2011) menciona uma pesquisa da Organização Mundial de Saúde mostrando que os dispositivos eletrônicos e os celulares não são bons para o organismo e aumentam as probabilidades de desenvolver câncer, além de consequências tóxicas reconhecidas por muitos estudiosos. Sendo assim, é necessário saber que os celulares têm por base radiações ionizantes e longitudes de onda, continuamente radiando ondas eletromagnéticas.

Já entre os professores pesquisados em relação aos benefícios e/ou malefícios do uso dos *smartphones* no desempenho escolar dos seus alunos: 6% argumentam que o uso não interfere no desempenho escolar; 41% que o uso interfere no desempenho escolar de grande parte dos alunos; 41%, que há interferência em alguns alunos e 12% não têm como avaliar a questão.

Quanto aos alunos que fazem uso da de smatphones de maneira desmedida, e que tiveram prejuízos no rendimento escolar, 65% dos professores entrevistados, são da opinião que vários alunos já apresentaram tais descrições. Está cada vez mais acentuado este comportamento e sua interferência negativa nos estudos; somente 29% relatam que vivenciam este tipo de experiência com poucos alunos. Percebe-se que a questão familiar e a falta de limites para utilização dessas tecnologias em casa, prejudica o rendimento de alguns alunos. Os professores relataram falta de dedicação aos estudos pelo número de horas despendido aos meios digitais e 59% dizem que em sala de aula não é permitido o uso de celular. Já tive problemas com alunos que tentaram burlar essa regra.

Corroborando com esta evidência, pode-se dizer que devem nortear os

processos de formação dos professores para o uso de tecnologias, e assumir o desafio de orientadores das crianças e adolescentes e, extensivamente, da comunidade escolar.

Quanto ao desafio do educador e do Estado, no que diz respeito a educação de nossas crianças e adolescentes para o uso das tecnologias de informação e comunicação, ressalta-se que é preciso que cada um assuma o seu desafio.

Portanto, a principal mudança de paradigma educacional provocada pelo avanço tecnológico das mídias deve ser emergente quanto ao modelo de aprendizagem, que precisa deixar de ser predominantemente focado no professor, e passar a ser distributivo/participativo/comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa que culminou na elaboração desse artigo, buscou-se descrever se os hábitos de uso indiscriminado e/ou excessivo da mídia digital, por adolescentes de colégios públicos estaduais podem impactar o seu cotidiano, seja ele em casa ou na escola.

Constatou-se que o processo educativo, a partir de uma perspectiva histórica e crítica, precisa objetivar a formação de indivíduos participativos da sociedade em que vivem, capazes de observação, reflexão, discussão e ação, comedidos pela razão e consciência, considerando-a mutável e buscando transformá-la de forma ética e responsável. Só assim haverá possibilidade para a educação se fazer realmente emancipadora.

Sabe-se que existem os aspectos positivos relacionados ao ensino-aprendizado por meio das TICs, porém, e apesar de reconhecer que muitos são esses aspectos, optou-se por dar ênfase à observação dos aspectos negativos de uso indiscriminado e/ou excessivo das mídias digitais, em especial para os *smartphones,* por entender a sua relevância social na atualidade.

Verdade é que vivemos inegavelmente num tempo marcado sobremaneira pela cultura digital. Tempo este, em que nos deparamos com crianças, adolescentes e jovens, que apresentam formas de aprender e de se relacionar diferenciadas. As mídias digitais estão presentes em todas as áreas e se expandem numa grande velocidade. Além disso, nunca houve tanta informação disponibilizada num espaço de

tempo tão curto. Contudo, esse entendimento do quadro social atual precisa ser a mola propulsora, para nos impulsionar a refletir sobre uma reconfiguração dos processos educativos como um todo, em seu mais amplo sentido, abrangendo tanto os deveres do Estado, como da escola e da família.

Não se trata de proibir crianças e adolescentes de fazerem uso das mídias digitais, e nem tão pouco de negar a importância delas para o seu desenvolvimento biopsicossocial. No entanto, torna-se imprescindível, que cada sujeito deste processo, seja o Estado, escola ou família, assuma e execute o seu devido papel legal, tanto na regulamentação, quanto na mediação e na criação de condições, para proporcionar aos nativos digitais, em especial crianças e adolescentes, uma aprendizagem efetiva, de formação ética, responsável e crítica, sejam em ambientes escolares ou fora deles.

Que possamos todos, unir esforços para mudar este quadro que hora se apresenta e que aqui foi exposto, oportunizando a formação de um cidadão autônomo que tenha o pleno entendimento de que a tecnologia deve existir para servir ao homem, e não para fazer do homem um ser alienado e refém dela.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N. ; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. G. B. (Org.). 336 p. (orgs.) **Vivendo esse mundo digital***:* impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ABREU, C. N. (2013) **O uso da internet como fuga da realidade**. Disponível em: <http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br. Acesso em: 01 set.2017.

ANTONIO, J. C. **Uso pedagógico do telefone móvel** *(Celular).* Professor Digital, SBO. Disponível em: <https://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone- movel-celular/>. Acesso em 13 jan. 2016.

ASBAHR, F. S. F. A pesquisa sobre a atividade pedagógica: Contribuições da teoria da atividade. **Revista Brasileira de Educação** (Impresso). Rio de Janeiro, RJ, n 29, p. 108-118, maio, 2005.

BAUMAN, Z. **Globalização***:* as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CARR, N. **O que a internet está fazendo com os nossos cérebros***:* a geração superficial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DRUCKER, P. **La sociedade post capitalista**. Buenos Aires: Sudamericana, 1993.

ESTEFENON, S. G. B.; EISENSTEIN, E. **Geração digital**: riscos e benefícios das novas tecnologias para as crianças e os adolescentes. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008, 2009.

FERNÁNDEZ-GUERRERO, I. M. WhatsAppitis. The Lancet. USA. v. 383, n. 9922, March 2014, p.1040. Disponível em: <http://www.thelancet.com/journals/lancet/article. Acesso em: 09 ago. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GONÇALVES, B. G.; NUERNBERG, D. A dependência dos adolescentes ao mundo virtual. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Volume 46, Número 1, p. 165-182, Abril de 2012.

LIBERATI, W. D. **O Estatuto da Criança e do Adolescente comentado**. São Paulo: IBPS, 1991.

MENDONÇA, A. C. L.; GUIRAUD, F. L. M. **Considerações sobre o uso e o abuso de celulares, nas instituições escolares.** CAOPCAE – Área da Criança e do Adolescente. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/conteudo>. Acesso em: 02 de out. 2016.

NARDI, A.; QUEVEDO, J; SILVA, A. G. **Transtorno de pânico**: teoria e clínica. São Paulo: Artmed, 2013.

OLIVEIRA, F.; PASQUALINI, K. C. **Os dependentes de internet no Brasil**: realidade ou mito entre os universitários. Mimesis, Bauru, v. 35, n. 1, p. 95-140, 2014.

PALAZZO, L. **O uso da internet por adolescentes**. Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, 2015.

PRIOSTE, C. D. **O adolescente e a internet**: laços e embaraços no mundo virtual. 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

REIG, D.; VILCHES, L. F. **Los jóvenes en la era de la hiperconectividad***:* tendencias, claves y miradas. Fundación Telefónica, 2013.

SOBRINHO, J. D. Construindo o campo e a crítica: o debate. In: FREITAS, L.C. (Org.) **Avaliação:** construindo o campo e a crítica. Florianópolis: Insular, 2002.

SOUZA, L. A. **Celular e adolescentes**: uma relação perigosa. Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/curiosidades/celular-adolescentes-uma-relacao-perigosa.htm>. Acesso em: 21 nov 2016.

WAGNER, A.; VERZA, F.; SPIZZIRRI, R.C.P.; EIFLER, C. **Adolescência & Comunicação Virtual:** A era da informação e a vida cotidiana. São Paulo: Saraiva, 2009.

ZELCER, M. **Novas lógicas e representações na construção de atividades**: a perplexidade na instituição educativa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.